

MARIA VALÉRIA REZENDE

# Carta à rainha louca

ALFAGUARA

Copyright © 2019 by Maria Valéria Rezende

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Estúdio Bogotá

*Imagens de capa*

Rosto: Luke Braswell/ Unsplash; Flor: Annie Spratt/ Unsplash; Mar: Thierry Meier/ Unsplash;  
Céu: Samuel Zeller/ Unsplash; Mão: Craig Whitehead/ Unsplash; Crucifixo: Boston College  
Libraries; Brasão e lua: British Library; Bigorna: Cronislaw/ iStock; Pena: ydavayd/ iStock

*Preparação*

Fernanda Villa Nova

*Revisão*

Marise Leal

Adriana Bairrada

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Rezende, Maria Valéria

Carta à rainha louca / Maria Valéria Rezende. – 1ª  
ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN: 978-85-5652-082-1

1. Ficção brasileira 1. Título.

---

19-23925

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Ioanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](http://facebook.com/alfaguara.br)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](http://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](http://twitter.com/alfaguara_br)

*Já não era uma menina com seu livro, era  
uma mulher com seu amante.*

Clarice Lispector

PARTE I

1789

*S*enhora,

Perdoai, Vossa Majestade Fidelíssima, a esta mulher — enlouquecida pelas penas do amor ingrato e de grandes vilanias cometidas por aqueles que se creem mais poderosos do que Vós mesma — por vir-Vos interromper, com o relato de seus sofrimentos de mínimo relevo, em Vossas orações e em Vossos atos régios tão urgentes para Vosso Reino e para aquele de Deus.

Por louca e desobediente encarceraram-me neste Recolhimento da Conceição, no alto das colinas desta cidade de Olinda, famosa por sua beleza e pelo fausto ostentado em outras eras, quando branco e doce era o ouro destas terras. Bela cidade que a mim, porém, não delicia, pois quase só a vejo retalhada pelas grades da única e estreita janela desta cela de não mais que uma braça quadrada.

Há já longo tempo me trouxeram para cá, com o fim de aguardar alguma nau de carreira que me levasse a Lisboa, para ser julgada pelas Cortes por um crime que me foi assacado, mas aqui me esqueceram. É para que me recordem que agora Vos escrevo, Senhora, pois que em Vós se juntam duas cousas que de raro se podem reunir: o serdes rainha de cetro e coroa, capaz de ordenar e fazer o bom e o justo, acima de todos e quaisquer súditos, de qualquer sexo, que habitem as Vossas terras, e o serdes mulher, capaz de saber o que sofre outra mulher que clama por justiça.

Há mais de dois anos vêm e vão as Vossas frotas e não me levam. Já neste ano da graça de mil e setecentos e oitenta e nove, por aqui passou Saudade, também passou Flor do Mar e Santa Helena e Madalena e Rosa e todas as santas, nobres ou plebeias, que vogam no mar oceano. Vinham de África, pejadas de negros destinados a matar a fome das

Vossas minas que os devoram sem demora. Passados poucos meses, pudevê-las na linha do horizonte, voltando para o Reino sem aqui aportar, abarrotadas de ouro, por certo, sem me levar.

Muito tenho hesitado em escrever-Vos, pois bem sei que mesquinhos são os infortúnios que Vos hei de relatar se comparados àqueles trabalhos que, desde Vossa régia infância, certamente tendes passado, que Rainha sois, mas nem por isso sois menos mulher, e sofrer e chorar é o quinhão de todas as filhas de Eva, não obstante sua condição neste mundo, ~~porque em todas as condições, aqui nestas colônias, em África, nas Índias, na China ou no Reino, no paço real ou na mais pobre aldeia do Vosso Império, estão submetidas às leis dos homens que muito mais duras são para as fêmeas e só para elas se cumprem, pois todos os seus pais e irmãos e maridos e filhos e varões quaisquer, clérigos ou seculares, só as querem para delas servirem-se e para dominá-las como aos animais brutos se faz, blasfemando vergonhosamente ao emprestar-lhe a Deus Nossa Senhora tão cruel designio.~~ Perdoai-me a rasura, Senhora, que se me ia a pena correndo sem peias pelo papel. Corria a pena levada por inconvenientes palavras que teimam em escapar do sítio onde trato de tê-las bem atadas no meu espírito — já que delas não me posso livrar — para que não me venham a fugir pela boca e dar razão a quem por louca me toma.

Ao fim de alguns meses nesta cela encerrada — donde só me deixavam sair para as orações na capela e para servir na cozinha —, numa noite na qual brilhava a lua e não me vinha o sono, como sempre me acontece, e fico então a mirar a estreita faixa de oceano que me permite a exígua janela — com saudades de uma vastidão que não conheço, mas minha alma deseja tanto! —, vi claramente passarem velas brancas bem próximas deste outeiro, os navegantes poderiam ouvir-me se eu chamassem, pensei. Esperancei-me, gritei com todas as forças, sem que, porém, me ouvissem os marinheiros, e por muitos dias desatinei e bradei com dor e fúria. Ouviram-me, sim, as outras que vivem entre as paredes deste ergástulo, de modo que me disseram lunática e, por castigo de meus gritos e convulsões, me trancaram na cela, tomando-me por histérica ou mesmo possessa de um demônio, razão pela qual me mandavam algumas vezes aspergir com água benta e rezos em latim por anos, que mais os alongavam

cada vez que a conjunção dos astros e as dores da alma e do corpo desencadeavam meu desespero e meus gritos. ~~Mas eu, por mim, digo que mais loucas e enganadas pelo Maligno são elas que se deixam prender, maltratar e tosar como ovelhas, caladas, que a tudo se submetem. Mais loucas ainda estão as que deviam ser as mais dignas, aquelas que têm a autoridade neste Recolhimento, fazem-se chamar Madres pelas demais e deveriam protegê-las, conhecer seu lugar e pelejar pela verdade, mas fingem júbilo quando aqui aparecem os lobos vorazes que se apresentam como seus benfeiteiros e, sem lutar, deixam esvair-se a vida como se muitas vidas tivessem. Loucas, tolas, sim, são as que jamais gritam.~~

Peco-Vos benevolência para com esta que Vos escreve uma carta assim desordenada, na qual muitas rasuras haverá, que delas não me poderei furtar por andarem-me as ideias à roda, de tal modo que eu mesma por vezes me suspeito insana. Como poderia eu, de outro modo, conceber as estranhezas que penso e jamais ouvi pronunciar por outrem?

Prosseguirei nas folhas rasuradas não por desrespeitosa para com Vossa Majestade, mas por pobre e humilhada que vivo, mulher, destituída de bens, dada por douda e sem contar com varão que me assegure alguma proteção. Meu pai, Deus o levou há muitos anos, outros do meu mesmo sangue nunca conheci, jamais vieram a estas terras; Gregório, o velho negro que devotadamente me auxiliava e protegia, não como escravo mas sim livre e grato a meu pai que jamais pensou em escravizá-lo e como seu irmão o tinha, levaram-no agrilhado e certamente em suplícios o mataram; o bastardo Diogo Lourenço de Távora, que me comoveu com o relato de suas desditas e um dia jurou amar-me apenas para colher a flor da minha inocência, quem sabe por onde andará, a colher e a desfolhar outras donzelas. Assim vivo destituída de tudo, senão de meus pensamentos e palavras ditas a mim mesma e a Deus, de minha honra, minha fé e duas cuias de papa de milho a cada dia, ordenadas ao Recolhimento pelo oficial do Reino que aqui me encerrou. ~~Porque nestas colônias que se dizem Vossas, mas são mais do Demônio do que Vossas, é assim que se vive quando não se tem rendas, tratados os cristãos pobres como se fossem menos do que os animais de trabalho.~~